

Porque Morrem os Castanheiros



Excisão dos cancos no castanheiro

Deparei com a “cisma” do escritor transmontano Guerra Junqueiro* e não resisti a partilhá-la com os leitores. Diz assim...

“Sabem que cismo na forma de transformar toda a agricultura (...). Um castanheiro dura séculos, tem uma vida estranha. É mais que uma árvore – é uma força. Vive nos montes. As suas raízes alastram-se vorazes, os seus ramos tocam o céu. Calcule que injecto pólen de castanheiro numa vide...obtenho logo uvas como as da Terra da Promissão. De um pé de melancia tiro um fruto capaz de carregar um carro. Três maçãs metem ao fundo uma nau.”

Talvez os leitores que têm castanheiros, sem contradizer completamente Guerra Junqueiro, considerem o castanheiro demasiado frágil que morre muito e com muita facilidade, apesar do

seus continuados esforços. Têm razão os agricultores, porque agora o castanheiro morre com a Doença da Tinta e com a Doença do Cancro.

O Cancro do Castanheiro desenvolve-se nos ramos e troncos do castanheiro e também nas castanhas mas nunca na zona radicular. É uma doença de introdução relativamente recente em Portugal tendo os primeiros casos sido noticiados em 1989 na região de Trás-os-Montes e tem causado muita mortalidade nos castanheiros em todas as regiões. Convém referir que Portugal foi dos últimos países da Europa a ser atingido pelo Cancro do Castanheiro uma vez que a doença é conhecida na Europa desde 1938 e na América desde 1901.

A doença é provocada por um fungo, *Cryphonectria parasitica* que cresce nos tecidos corticais (a casca da árvore) com aspecto

branco e que se vai tornando creme-amarelado. São frequentes os estromas de cor amarelo-alaranjado que libertam conídios em forma de cirros de cor amarela que em condições de humidade elevada irão ser transportados pela água, insectos e principalmente pelo homem para novos locais onde vão provocar novas infecções. Até agora nenhum produto químico conseguiu travar o avanço da doença e também não estão disponíveis castanheiros que resistam a esta doença. As estratégias para combater a doença, em Portugal, baseiam-se nas medidas que visam minorar as novas infecções e portanto a sua dispersão generalizada.

O que fazer para minorar a dispersão do cancro?

Se as feridas do cancro estão presentes nos ramos do castanheiro é necessário cortar esses ramos e ter o cuidado de destruir pelo fogo

toda o material doente e proteger os locais de corte com uma pasta fúngica, pois estes locais são portas abertas para novas infecções.

Se a ferida é ainda de pequenas dimensões devem-se retirar os tecidos doentes e proteger o local da ferida com uma pasta fúngica para evitar novas infecções e destruir pelo fogo os tecidos doentes que foram retirados do castanheiro. Deixar estes tecidos no chão é um erro muito grave porque o fungo continua a crescer mesmo depois de retirado da árvore e constituirá um novo foco de infecção para outros castanheiros.

Não podar os castanheiros nos locais com forte presença da doença, não utilizar material de corte sem ser desinfetado e nunca passar de castanheiros doentes para castanheiros sãos nas actividades de poda. Será mais proveitoso não fazer nada! Cuidados redobrados são ainda necessários nas enxertias uma vez que os tecidos de cicatrização são particularmente vulneráveis ao ataque do parasita.

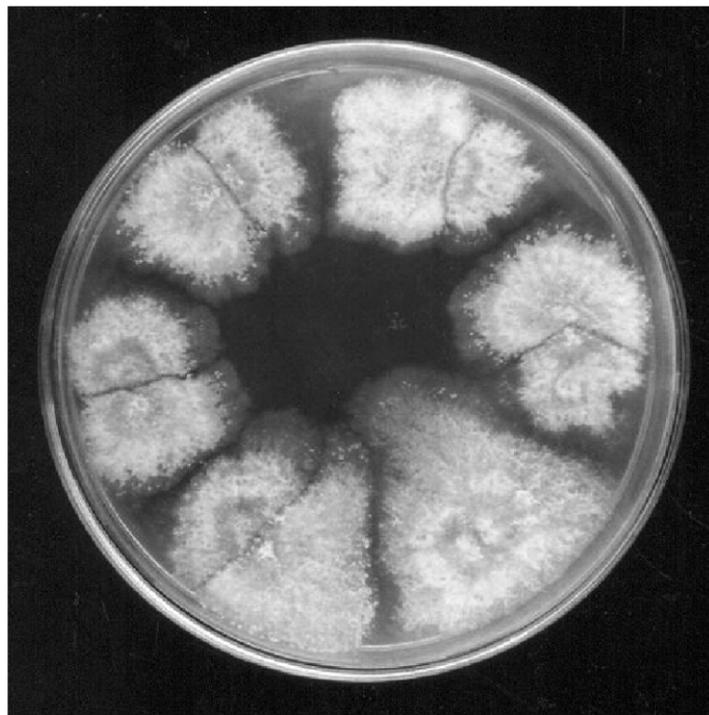
As acções referidas anteriormente serão suficientes para evitar a morte do castanheiro por Cancro? Em Portugal e em todos os outros locais não foram suficientes, mes-

mo quando se pretendeu eliminar todos os castanheiros doentes. É imperioso continuar os estudos relacionados com a Doença do Cancro do castanheiro e dos meios de luta para resolver este grave problema. No IPB – ESA temos desenvolvido estudos em colaboração com a Estação Florestal Nacional, o Swiss Federal Research Institute em Zurique e a Direcção Regional de Agricultura de Trás-os-Montes. Esperamos que as entidades que financiam a investigação em Portugal continuem a considerar este tema importante para que os estudos possam continuar e contribuir para a recuperação dos castanheiros.

A pensar ainda no “cisma” de Guerra Junqueiro, também eu escolhia o castanheiro para levar, como símbolo de abundância e generosidade, se fosse para um outro qualquer planeta!!! Claro! Sem a Doença da Tinta e sem a Doença do Cancro.

Eugénia Gouveia
Engenheira Agrónoma

*Abílio de Guerra Junqueiro (1850-1923), escritor natural de Freixo de Espada à Cinta.



Fungo que provoca o Cancro do Castanheiro

Cursos de Especialização Tecnológica *

- Qualidade Alimentar
- Qualidade Ambiental
- Tecnologia Alimentar



Escola Superior Agrária de Bragança

INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA

Licenciaturas

- Engenharia Agrónoma
- Engenharia Alimentar
- Engenharia do Ambiente
- Engenharia Biotecnológica
- Engenharia Florestal
- Engenharia Zootécnica
- Fitoquímica e Fitofarmacologia
- Tecnologia Veterinária



Mestrados *

- Agroecologia
- Ciência e Tecnologia Ambiental
- Gestão de Empresas de Biotecnologia e Ambiente
- Gestão de Recursos Florestais
- Produções Biotecnológicas
- Qualidade e Segurança Alimentar
- Tecnologias Animais

Uma escola de biociências



www.esa.ipb.pt